

A FORMA VERBAL PRESENTE NO DISCURSO DOS TEXTOS FRANCESES DOS ROTEIROS DA CARREIRA DA ÍNDIA

Rita Maria Ribeiro Bessa*

RESUMO: *Os textos franceses dos roteiros da Carreira da Índia integram a coletânea de textos de J. H. van Linschoten, em 1610, no Histoire de la Navigation aux Indes Orientales, em Le grand routier de mer. Estes textos constituíram um documento fundamental para os projetos de expansão marítima européia. O enunciador, neste discurso, apresenta as rotas, descreve os locais, aconselha, adverte e explica, transformando a formação discursiva em uma fonte rica em situações comunicativas. Nestas, é freqüente a repetição de certas formas verbais. O presente do indicativo foi escolhido como objeto desse estudo por ser considerado a principal forma verbal da narrativa do mundo comentado, que caracteriza o discurso dos roteiros. Na sua análise será abandonado o seu valor puramente cronológico. O presente será definido como uma função do discurso e designará uma atitude comunicativa que está organicamente ligada ao exercício da fala. Assim, esta forma verbal será sempre atualizada no ato discursivo, permitindo novas leituras da noção de tempo. A análise de fragmentos do corpus será feita a partir da teoria de H. Weinrich que concebe o presente como uma forma verbal neutra, isto é, sem uma marca temporal única.*

Palavras-chave: Discurso; Forma verbal; Atitude comunicativa.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma análise da forma verbal do presente do indicativo, no discurso dos textos franceses dos *Roteiros da Carreira da Índia* que foram traduzidos por Jean Hugues van Linschoten e publicados em língua francesa, em 1610, no *Le grand routier de mer* (LINSCHOT, 1619). A fundamentação teórica utilizada se baseia nos estudos realizados por H. Weinrich (WEINRICH, 1968) sobre a estrutura e função das formas verbais na linguagem. Serão apresentadas, inicialmente, algumas informações sobre os textos franceses dos roteiros. Em seguida, para entender melhor a função do presente do indicativo, nas situações comunicativas onde ele aparece no corpus, serão mostradas as condições de produção deste discurso, dando ênfase a dados do contexto sócio-histórico, assim como, ao lugar conquistado por J.H. van Linschoten, na sua trajetória como ser histórico e social, onde ele passa a desempenhar um papel fundamental para os projetos de expansão marítima européia, almejados pela Companhia das Índias Ocidental.

OS TEXTOS FRANCESES DOS ROTEIROS DA CARREIRA DA ÍNDIA

Dentre os roteiros portugueses da Carreira da Índia, no século XVI, dois deles se encontram no manuscrito Fonds Portugais 56 da Bibliothèque Nationale de Paris (TELLES, 1996, p.45). Os roteiros elaborados pelo piloto português Diogo Afonso (1536) que foram

* Professora de Língua Francesa da Universidade Estadual de Feira de Santana e da Universidade Católica de Salvador. Mestranda na área de Lingüística Histórica na Universidade Federal da Bahia. Membro do Núcleo de Estudos em Análise do Discurso – UCSAL.

traduzidos por J. H. van Linschoten (1619) fazem parte desta coleção. Eles foram publicados em holandês (1596), inglês (1598) e francês (1610). Na tradução francesa, publicada no *Le grand routier de mer* (LINSCHOT, 1619), os roteiros se distribuem ao longo de cinco capítulos.

Ao comparar a versão portuguesa do manuscrito FP 56 da BNP, que foi usado como texto base para edição crítica e a versão francesa, C. Telles (1996, p.46-48) mostrou que as diferenças de pormenores existentes entre ambas podem se justificar pelo fato de J. H. van Linschoten ter feito acréscimos ou por ter o compilador do manuscrito resumido ou omitido passagens, no entanto não restam dúvidas de que a tradução é fidedigna. A propósito das traduções de J. H. van Linschoten, vale lembrar as observações de H. Howens Post:

É verdade que sem Jean Huyghen os Holandeses não teriam conhecido a imagem primorosa do mundo oriental que ele propagou nas cores mais vivas, traduzindo as páginas de Garcia da Orta e também, sobretudo, no primeiro volume, vários capítulos de João de Barros, de Diogo do Couto, citações de Camões e de outros autores portugueses que tinham escrito sobre a Índia Portuguesa. Ninguém na Holanda sabia, nessa altura, o Português. Nós não podemos acusar Jean Huyghen de ser plagiário por ter traduzido tantos autores portugueses no livro que ele escreveu sobre a sua estadia na Índia, pois que as idéias de seus contemporâneos eram muito menos rigorosas no que diz respeito ao plágio do que as da nossa época, mas parece-me interessante verificar num artigo seguinte a qual ponto ele traduziu literalmente os passos dos autores acima mencionados (POST, 1960, p.126).

Cabe citar, também, aquilo que diz David Lopes a respeito de J. H. van Linschoten:

Viajou em navios portugueses, expressou-se em língua portuguesa, por toda a parte viu Portugueses e ouviu Portugueses: é uma viagem maravilhosa num mundo português, de que se fez o pregoeiro admirador. Descreveu-a sem artifício de linguagem, com a simples documentação do que viu e viveu. É a maior homenagem à expansão portuguesa, para quem queira ou sabia meditar, nomes geográficos ou de pessoas na forma portuguesa, nomes de flora e de fauna também portugueses, abundam no seu livro (LOPES, 1960, p.454).

AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO DOS TEXTOS FRANCESES DOS ROTEIROS DA CARREIRA DA ÍNDIA.

O contexto sócio-histórico tomado como referência, para entender o discurso dos textos franceses dos roteiros da Carreira da Índia, será o da expansão marítima europeia, sobretudo o momento em que ingleses e holandeses esboçavam os projetos de estabelecimento de suas próprias rotas para as Índias portuguesa e espanhola. As obras de J. H. van Linschoten são sem dúvida fundamentais na história dessa expansão, por conterem informações preciosas sobre o tráfico e a navegação da Carreira da Índia, até então quase exclusivamente reservado aos Portugueses.

J. H. van Linschoten viajou para as Índias Orientais, em navio português, acompanhando o arcebispo de Goa, D. Vicente da Fonseca, em 1583. Nesta viagem, ele pôde apreciar o valor dos roteiros dos pilotos portugueses. Ao regressar de Goa, onde morou durante anos, ocupando cargo de confiança do arcebispo D. Vicente da Fonseca, J. H. van Linschoten encontrou o seu país mergulhado em circunstâncias bem diferentes das que havia deixado. O comércio crescia e faziam-se planos para grandes empreendimentos marítimos. A sua experiência oriental e suas informações vinham bem a propósito, já que podia indicar os caminhos para todos os portos e



costas do oriente e informar os comerciantes acerca dos povos e produtos que lá podiam encontrar. É evidente que o discurso de J. H. van Linschoten se inscrevia em uma formação discursiva que restringia o que deveria ser dito ao que fosse de interesse dos holandeses. Porém J. H. van Linschoten acrescentou conscientemente as experiências individuais aos roteiros originais, mostrando aquilo que viu e viveu e que poderia facilitar as explorações marítimas holandesas. Sabe-se que foi pela necessidade dos navegadores holandeses que ele redigiu, em 1595, ano em que se iniciou a primeira navegação holandesa, o *Le grand routier de mer* (LINSCHOT, 1619), contendo mais informações do que as que já havia publicado até então. Esta obra apresentava um conjunto de roteiros de pilotos portugueses e espanhóis, onde era descrita, em grande pormenor, a navegação de ida e de volta de Portugal para a Índia, incluindo a tradução do roteiro da Carreira da Índia de Diogo Afonso.

Além das características próprias ao discurso dos Roteiros de Navegação - como o relato das experiências pessoais, a apresentação de descrições pormenorizadas das costas descobertas, com as rotas que deviam ser seguidas, os acidentes geográficos, os sinais dos locais de escala ou de passagem obrigatória, a indicação dos ventos dominantes ou de correntes marítimas - J. H. van Linschoten acrescentou aos textos franceses as suas observações, aconselhando, explicando, mas, sobretudo, advertindo.

A FORMA VERBAL *PRESENTE* NOS TEXTOS FRANCESES DOS ROTEIROS DA CARREIRA DA ÍNDIA

Com o objetivo de entender a função da forma verbal do *presente do indicativo*, nas diversas situações comunicativas onde ela aparece, no discurso dos textos franceses dos roteiros da Carreira da Índia, cabe recorrer, sobretudo, à teoria de H. Weinrich (1968).

Segundo H. Weinrich (1968) as formas verbais são operadores do tempo lingüístico. Os seus pressupostos teóricos se distinguem daqueles que são comumente empregados em análises de sistemas temporais, por ele não recorrer à noção de tempo cronológico. As formas verbais são interpretadas como marcas de diferentes modos de enunciação.

Apesar da divergência entre os critérios empregados por H. Weinrich e aqueles apresentados, tradicionalmente, pelos gramáticos, para a estruturação do sistema temporal da língua francesa, ele (WEINRICH, 1968, p.44-46) diz ser inegável reconhecer a pertinência de determinados aspectos do paradigma temporal, como a divisão entre tempos simples e compostos. Assim como o limite combinatório, nas orações complexas, determinado pela concordância dos tempos ou *consecutio temporum*, Porém estes não seriam os critérios utilizados na sua teoria para a estruturação do sistema temporal da língua francesa.

Reconhecendo que a oração provoca certa força combinatória, H. Weinrich (1968, p.47-51) diz, contudo, que esta não seria, no seu ponto de vista, uma necessidade absoluta. Em casos diversos do uso da língua, a concordância temporal não segue as regras de costume, no entanto ela não pode deixar de ser admitida pela gramática, pois o contexto no qual ela é empregada a justifica. Ele sugere que, ao se tratar das formas verbais que expressam os tempos da linguagem, seja mantido o princípio da concordância entre elas, porém esta se dará a partir do contexto enunciativo.

O critério empregado por H. Weinrich (1968, p.47-51) para estruturação do sistema temporal francês divide as formas verbais em dois grupos temporais o das narrativas do mundo comentado e aquelas do mundo narrado.

Cada grupo temporal se caracteriza por um nível de atualidade ou esfera de ação. No caso do grupo dos tempos comentados, que é aquele que interessa ao objeto a ser tratado nesta apresentação, o eixo de ação é o do *eu-aquí-agora*. O *agora* representa o presente da instância da fala, ou seja, cada ato individual e singular em que o eu atualiza a língua. O *agora* é o momento do ser existencial. Assim, as formas verbais pertencentes a este grupo passam a ser entendidas

como detentoras de informações ou noções que expressam as atitudes do eu no tempo e no espaço existenciais deste ser, independente da noção cronológica.

As formas verbais que caracterizam o grupo dos tempos comentadores na língua francesa pertencem ao modo indicativo e são: o *Présent*, considerado como a forma verbal principal, o *Présent Continu*, o *Futur Simple*, o *Futur Proche* e o *Futur Antérieur*.

Os textos franceses dos roteiros da Carreira da Índia apresentam características das narrativas do mundo comentado, no que concerne às formas verbais mais frequentes, sendo a do *presente do indicativo* aquela que aparece com maior índice percentual. Esta verificação foi realizada por C. Telles (1982, p.63). São encontradas, também, as situações comunicativas que predominam nesse tipo de narrativa como dar informações, seguidas de comentários e advertências.

A forma verbal do presente do indicativo se apresenta no corpus como neutra, o que significa, na teoria de H. Weinrich (1968, p.71-75), que ela é considerada uma forma sem uma determinação temporal única no sentido cronológico. Segundo ele, em diversas situações, as formas verbais abandonam as funções gramaticais e convertem-se nos tempos do discurso ou da ficção.

M. Molho (1975, p.195-196) reitera a definição de H. Weinrich sobre forma verbal como detentora de informações que expressam as atitudes do falante. No caso da forma verbal do presente do indicativo, M. Molho diz que ela constitui o lugar do tempo que não coincide necessariamente com o presente verdadeiro. Por ser a pedra fundamental na arquitetura do tempo, a partir da qual se instituem o passado e o futuro, a forma verbal do presente do indicativo traz consigo uma parcela do conteúdo do passado, que é a sua marca de retrospectão, como também uma pequena parte do futuro que é seu valor prospectivo. O presente se constitui, desta forma, por parte do instante que acaba de passar e por parte daquele que vai ocorrer, o que equivale a dizer que ele é o lugar de uma incessante conversão do tempo. A justaposição das parcelas de passado e de futuro são a condição necessária e suficiente da concepção do presente. Elas se apresentam sob uma única forma e não como duas formas verbais que se opõem.

Nos textos franceses dos *Roteiros da Carreira da Índia*, a forma verbal do presente do indicativo se apresenta, sobretudo, com valor prospectivo. O discurso é escrito por um elocutor - o eu - que se dirige ao seu alocutor - os mareantes - para relatar a sua experiência, informando de forma minuciosa sobre o que eles vão encontrar ao longo das rotas e, principalmente, advertindo sobre perigos que lhes poderão advir, no caso de não seguirem as informações que são apresentadas.

Nos exemplos a seguir, retirados do capítulo II, intitulado *Cours du Voyage des Indes, appointé par Diego Alfonso Portugais Pilote du Roy*, em *Le grand routier de mer* (LINSCHOT, 1919, p.03-08), a forma verbal do *presente do indicativo* se apresenta com marca prospectiva, alternando, em alguns momentos, indistintamente, com a forma do *futur simple*.

Au cours du Bresil vers le Cap de Bonne Esperance, vous vous trouvez tousiours suivi de sorte oiseaux, lesquels vous *perdez* venant droitement à la veue dudit Cap. Vous y voyez aussi parfois des oiseaux noirs cõme Corbeaux, comme a esté dit ci dessus: afin que vous puissiez tant plus asseurement cognoistre quand vous *estes* en dedans du cap açavoir du costé Oriental des Indes.

Venant à la hauteur de trentecinq degrez plus ou moins vers le dit Cap de Bonne Esperance, vous *verrez* flotez tels herbages & bourgeons. Lors sachez que vous *estes* pres du dit Cap, açavoir a trente ou quarante lieues de là; car vous avez passe les precedens des dites Isles. Ceux ci sont longs & a peu pres de la façon des cors a corner. Mais venant a trentecinq degrez & demi vous ne *verrez* plus tels signes & índices, mais bien quelques Oiseaux grands comme Corbeaux,

ayants le plumage noir, & le bec blanc & plat, lesquels ne volent point plus loing du cap de Bonne Esperance que vingt ou trente lieues. On y void aussi quelques autres Oiseaux gris que les Portugais appellent Alcatrases.

O *presente do indicativo* vai alternar, também, com o *futur simple*, quando o elocutor indica a ação do alocutor e o caminho que ele deve seguir. O uso do presente mantém o valor prospectivo.

[...] sachez que vous n'estes qu'à dix ou quinze lieues de l'Isle de Ioan de Nov pourtant faites vostre mieux iour & nuit Et de vous retirer de là, notamment au temps de la nouvelle Lune, prenant la route du NordOuest ce faisant vous viendrez pres des Isles nommees dos angoxas: desquelles plus vous vous destournez au Nord, tant meilleur cours vous tiendrez vous vers Moçambique, prenant garde de ne point passer pres de ce pays plus que la profondeur de vingt cinq brasses: car vous n'y trouvez que Seches, là ou Don Ian Pereira vint a eschover, & s'y trouve la profondeur de treize brasses.

Finalmente, em situações de advertência, o presente do indicativo alterna com o presente do imperativo, indicando obrigatoriedade.

[...] Et si longtemps que vous n'avez point de vent de Sud Est, tenez vous toujours du costé de l'Est sans vous approcher de Terra do Mallagetta, plus près que cinquante ou soixante lieues & quand vous en avez la hauteur & longueur ayant passé le Cap de Palmas, allant de lof, faites des courtes traites, asçavoir sous la Ligne, ou du costé deça, afin que les courans ne vous entraînent point en dedans ledit Cap [...].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se, ao analisar a forma verbal no discurso dos textos franceses dos roteiros da Carreira da Índia, apresentar uma nova possibilidade de interpretação da noção de tempo verbal. A teoria de H. Weinrich (1968) foi escolhida para respaldar as análises, uma vez que ele mostra a importância em não dissociar a linguagem do homem que a utiliza. Assim, a função da forma verbal é expressar as atitudes daquele que fala, em um contexto comunicativo. Esta perspectiva liberta as formas verbais de interpretações que as restringem a um valor meramente cronológico. Como diz E. Benveniste (1966, p.284-293), a forma verbal é solidária à instância individual do discurso. Ela será sempre e necessariamente atualizada pelo ato de discurso e em dependência deste.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, E. **Problèmes de linguistique générale I**, Paris: Éditions Gallimard, 1966. p. 251-257.

LINSCHOT, Iean Hvgves. **Le grand routier de mer. Nouv. trad. de flameng em françois. In: id Histoire de la navigation au Indes Orientales; contenant diverses description des lieux iusques à présent decouverts par le portugais.** 2. éd. augm. Amsterdam: Chez Evertsz Cloppenburch, 1619. p. 3-8 e 16-19.

LOPES, David. **A terminologia portuguesa e aportuguesada. In:** POST, H. Howens (org.). **João Huyghen van Linschoten, administrador da casa do Arcebispo de Goa e espião da Holanda (1538-1587).** Ocidente, Lisboa, 1960. v. 58, n. 264, p.454.

POST, H. **João Huyghen van Linschoten, administrador da casa do Arcebispo de Goa e espião da Holanda (1538-1587).** Ocidente, Lisboa, 1960. v. 58, n. 264, p.126.

TELLES, Célia Marques. **Considerações sobre uma tradução francesa de textos quinhentistas portugueses: O “Le grand Routier de Mer” de J. H. van Linschoten. In:** ANAIS DO V ENCONTRO NACIONAL DE TRADUTORES: PROCEEDINGS OF THE BRAZILIAN TRANSLATORS’ FÓRUM. São Paulo: Humanitas, 1996. p. 45-56

TELLES, Célia Marques. **As categorias de modo, tempo e aspecto em textos românicos do século XVI.** Salvador, 1982. p. 24-89 [Dissertação – Mestrado em Letras- UFBA].

TELLES, Célia Marques. **A evolução da estrutura do discurso dos Roteiros de Navegação.** Acta Universitatis Palackianae Olomucensis, Olomouc (Rep. Tcheca), v. 69, n.6 p. 49-56, 1996

TELLES, Célia Marques. **O discurso na literatura de viagens. In:** CONGRESSO ABRALIC: TERRAS E GENTES, 7. Salvador: ABRALIC/UFBA, 2002.

TELLES, Célia Marques. **A categoria de tempo no discurso dos “Roteiros de Navegação. In:** CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA, 1, Salvador: ABRALIN, 1994. v. 1. p. 94.

TELLES, Célia Marques. **Dos portulanos aos roteiros de navegação: variação e construção do discurso.** Boletim da Associação Brasileira de Lingüística (ABRALIN), Maceió, v. 21, p. 838-845, 1997.

TELLES, Célia Marques. **A relação autor-destinatário no discurso dos roteiros de navegação. In:** I SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS; Anais. João Pessoa: Idéia, 1997. v. 2. p. 377-385.

TELLES, Célia Marques. **O italiano nos textos da literatura de viagens. In:** CONGRESSO NACIONAL DE PROFESSORES DE ITALIANO, 9. Salvador: UFBA, 2001.

WEINRICH, Harald. **Estructura y función de los tiempos en el lenguaje.** Trad de Federico Latorre. Madrid: Gredos, 1968. p. 9-94, 347-363.